

REVISTA

CRISTO REI
MARILIA SP

inovar

Agosto/Setembro 2013
5ª edição

Indisciplina na Escola: antigas e novas questões

Joe Garcia



ARTIGO
Contribuições de Freinet para a Educação
Elieuzza Ap. de Lima, Aline Ribeiro e Ana Laura da Silva



ARTIGO
Primeira infância: a aprendizagem nos primeiros anos de vida
Liane Rodrigues Reis

EXPERIÊNCIA
Dislexia em crianças na fase de alfabetização
Graziella Diniz Borges

OPINIÃO Juventude e Participação: Junho de 2013, tempo de pressão e explosões
José Augusto Brasil

ÍNDICE



artigo

Contribuições de Freinet para a Educação

Elieuzza Ap. de Lima, Aline Ribeiro e Ana Laura da Silva

04



artigo

Indisciplina na Escola: antigas e novas questões

Joe Garcia

08



experiência

Dislexia em crianças na fase de alfabetização

Graziella Diniz Borges

11



artigo

Primeira infância: a aprendizagem nos primeiros anos de vida

Liane Rodrigues Reis

15

17



opinião

Juventude e Participação: JUNHO DE 2013, tempo de pressão e explosões

José Augusto Brasil

22



sugestões

Livros e Filmes

Filme: Bang Bang! Você morreu

Livro: História social do Jazz

Livro: A Vaca Que Botou Um Ovo

21



opinião

"A Redação Miojo": O texto no Exame Nacional do Ensino Médio

Bruno Cordeiro

26



redações em destaque

Textos produzidos por alunos do Colégio Cristo Rei

editorial



PROF. DR. ÉDIO JOÃO MARIANI
Diretor Geral do Colégio Cristo Rei

A Educação é patrimônio de todos e para todos

EXPEDIENTE

Produção: Depto. de Marketing do Cristo Rei
Responsável: Alexandre de Oliveira Andrade
Jornalista: Natália Santos (Mtb. 51.793)
Design gráfico e editoração: Márcio R. Martins
Imagens: José Antônio (Zem)
Revisão: Prof. Ernaldo Francisco dos Santos
Colaboração: Equipe pedagógica do Cristo Rei
Fale conosco: marketing@crstorei.com.br

Diretor Geral: Édio João Mariani
Diretores administrativos: Ir. José Roberto de Carvalho e Ir. Elton Lopes

RESPONSÁVEIS DE SETOR

Pedagógico: Heloísa Caprioli M. Silva, Sabrina Sacoman Campos, Regina Cristiane N. Campos Peres, Verediana de Rossi F. da Cunha, Lourival F. da Cunha, Mariana Spadoto de Barros, Eliane de Rossi Marconato, Luiz Célio de Oliveira, Selma Leila B. Martins e Gilson José Amancio.
Secretaria: Ivo F. Dutra
Tesouraria: Elizabeth Cristina Mazzo
Biblioteca: Andréia Juliani
Juventude Cristo Rei: José Augusto Brasil
Gráfica: Ronaldo Antonio Pallota
Serviços Gerais: Edivaldo Lacerda Rocha
Tecnologia: Rogério Henrique da Silva

COLÉGIO CRISTO REI
Av. Cristo Rei, 270 - Bairro Banzato - Marília/SP
Cep: 17.515-200
Fone: (14) 3402-2399

www.crstorei.com.br / colegio@crstorei.com.br

Além de vivenciar a educação diariamente, o Colégio Cristo Rei também preocupa-se em pensar e aprimorar os métodos de ensino. Isso acontece de diversas formas, sendo uma delas através dessa Revista Eletrônica.

A Revista Inovar é um ícone da valorização do Colégio Cristo Rei ao pensamento crítico e à democratização do saber. Um espaço para que educadores, gestores, alunos e demais membros da comunidade educativa expressem seus estudos, reflexões, práticas e opiniões a respeito de assuntos relevantes, especialmente relacionados à formação de nossas crianças, adolescentes e jovens.

Os artigos e demais conteúdos publicados são uma forma de levar as famílias e a sociedade o que há de mais inovador no cenário educacional.

Nessa edição nossos colaboradores tratarão de assuntos importantes como indisciplina na escola, Dislexia, desenvolvimento infantil, participação política da juventude, entre outros temas.

Nossa intenção é que você, caro leitor, reflita, compreenda e participe dos processos de ensino e aprendizagem, afinal acreditamos que a Educação é patrimônio de todos.

Boa leitura!

“ espaço para que educadores, gestores, alunos e demais membros da comunidade educativa expressem seus estudos, reflexões, práticas e opiniões ”

artigo



Contribuições de Freinet para a Educação: Reflexões iniciais

A presente reflexão envolve nossas defesas teóricas, com base em estudos acerca dos trabalhos elaborados por Freinet. Como pesquisadoras das práticas pedagógicas na Educação Infantil (LIMA, 2005; RIBEIRO, A. L. R., 2004; RIBEIRO, A. E. M., 2009) e na própria prática docente, percebemos um quadro comum em Educação Infantil: rotinas repletas de tarefas organizadas especificamente para o ensino e para a aprendizagem da leitura e da escrita, caracterizando a denominada antecipação da escolaridade e, conseqüentemente, prejudicando as possibilidades de brincadeiras, conversas, experimentações e outras atividades insubstituíveis nesse momento da infância.

Nesse contexto, ensina-se à criança o mecanismo de juntar letras e sílabas em detrimento de atividades de conhecimento, interpretação e de expressão do mundo que se abre na infância. O desenho, a brincadeira de faz de conta, a modelagem, os jogos de construção, as dramatizações, dentre outras, cedem lugar às tarefas de treino de escrita. Tais práticas na Educação Infantil camuflam o tecnicismo e retratam ações tradicionais de silabação. Embora essas práticas não se apoiem mais num texto cartilhado – abominado no nível do discurso –, elas baseiam-se nos mesmos princípios de estudo das letras e das famílias



silábicas apresentados nas cartilhas.

Essas inquietações, sentidas como professoras, somadas à apropriação teórica derivada dos Grupos de Pesquisa “Implicações Pedagógicas da Teoria Histórico-Cultural”, “GP FORME (Formação do Educador)”, ambos da Unesp de Marília, SP e “Grupo de Pesquisa e Estudos em Educação Infantil” (UEM – Maringá, PR) dos quais participamos e dos estudos realizados originaram as reflexões ora apresentadas.

Preocupado com esse quadro de mecanização de práticas de leitura e de escrita e também com o tempo limitado para a criança ser

“percebemos um quadro comum em Educação Infantil: rotinas repletas de tarefas organizadas especificamente para o ensino e para a aprendizagem da leitura e da escrita, caracterizando a denominada antecipação da escolaridade”



artigo

criança, nos anos de 1920-1930, Célestin Freinet (1973), mediante a sua própria prática pedagógica, incomodava-se com o modo que a criança era tratada. Entendia que a criança não era um receptáculo vazio e passivo e, portanto, não deveria ir à escola para a realização de cópias e leitura de textos de livros didáticos. Para o autor, essa maneira de tratamento da criança e da escrita, como hábito motor, estava fadada ao fracasso. Surgia a ideia de proposição às crianças de produção de textos livres que representavam a expressão das ideias, compreensões e sentimentos das próprias crianças. Nessa proposta, há a concepção de criança forte, capaz de produzir objetos culturais por meio de sua livre expressão e de capacidade de expressão e comunicação.

Dessa forma as técnicas Freinet abriram o espaço pertencente às crianças nas relações estabelecidas em escolas de Educação Infantil e de Ensino Fundamental, antes obscurecido por práticas pedagógicas voltadas ao ensino tecnicista e à imposição dos adultos frente às decisões sobre o que e como fazer.

As ideias freinetianas sobre a educação se fundamentam em eixos dentre os quais a livre expressão, a cooperação, a autonomia e o trabalho. Isso nos faz defender a premissa que não há como fazer escolhas didático-pedagógicas sem as necessárias opções teóricas, políticas, pedagógicas e ideológicas. Dentre as técnicas elaboradas e desenvolvidas por Célestin Freinet (1973), destacam-se a roda da conversa, a aula passeio, a produção do texto livre, o jornal da turma, o livro da vida, o jornal mural, o fichário escolar cooperativo e autocorretivo, os planos de trabalho, a correspondência interescolar entre turmas de crianças de escolas diferentes e, talvez, a mais conhecida, os cantos de trabalho. Essas atividades explicitam a atividade do sujeito como elemento fundamental no processo de aprendizagem e de desenvolvimento humano e justificam as expressões e comunicações escritas das crianças. Por meio delas, as crianças escrevem, elaboram ideias, recordam acontecimentos, noticiam, se comunicam, se expressam. Desde cedo, as crianças sentem-se autoras de textos, produtoras de cultura.

Esse respeito e essa apreciação de Freinet pela criança

fizeram com que sua primeira atitude perante ela fosse a escuta. Ele acreditava que a vida não deveria ser deixada para o lado de fora da escola (FERREIRA, 2003), mas, ao contrário, as novidades trazidas pelas crianças deveriam ser utilizadas para produzir cultura. Com essa defesa, ele passou a favorecer a escrita de textos, que depois de corrigidos coletivamente, eram publicados em jornais ou álbuns produzidos em sala de aula e serviam à correspondência ou à produção de livros que compunham a biblioteca para a consulta da própria turma. Freinet passa a escutar os diálogos e as necessidades das crianças e a partir deles buscar mecanismos de tornar a escola um espaço vivo, no qual a vida da criança não se interrompia ao entrar na escola, mas circulava no ambiente escolar, dando-lhe uma magnitude especial (FREINET, C., 1973; FREINET, E., 1978).

Suas técnicas tiveram início com a aula passeio despertada

pela vontade de conhecer e compreender a vida das crianças. No entanto, Freinet percebeu que apenas conhecer e vivenciar o universo infantil era pouco, era “preciso descobrir um processo que, sem recorrer a qualquer solução de continuidade, ligue o pensamento da criança ao texto definitivo” (FREINET, E., 1978, p. 39). Surge, então, para Freinet, a ideia da imprensa escolar, que passa a absorver por completo a escrita infantil e

se torna o instrumento que possibilita a Freinet o desenvolvimento de toda sua Pedagogia, visionária de investigação e de experiências, que não só aumentariam o conhecimento das crianças, mas as educaria com vistas a adquirir e produzir cultura (FREINET, C., 1973).

Nessa perspectiva, o processo de aprendizagem caracteriza-se como essencialmente ativo. A aquisição do conhecimento está ligada à atividade exercida pela criança, um processo de apropriação da cultura humana por meio do fazer motivado por seu resultado (LEONTIEV, 1998). A linguagem escrita é compreendida não como um ato motor, mas como uma atividade cultural complexa, um instrumento respondente de necessidades de leitura e de escrita na infância. Em outras palavras, a atividade de escrita precisa fazer sentido para as crianças. A escola tem um papel insubstituível no processo de humanização que pode ser potencializado com as técnicas Freinet e ao

“As ideias freinetianas sobre a educação se fundamentam em eixos dentre os quais a livre expressão, a cooperação, a autonomia e o trabalho.”



artigo

mesmo tempo com atividades como a brincadeira de faz de conta e o desenho. Assim, a criança é inserida na nossa cultura de maneira natural, pois aprende, cria e se objetiva, por meio de representações, sendo uma delas a linguagem escrita. Para isso, os exercícios maçantes e sem significado, aqueles para se preparar para, quem sabe, no futuro, utilizar a escrita como representação de suas ideias, sentimentos e emoções, perdem seu lugar, para dar espaço a produção de textos elaborados pela criança, mediados pelo(a) professor(a).

Ao conceber a criança como elemento fundamental nas relações estabelecidas com os objetos materiais – como exemplo, lápis, pincel, computador – e não-materiais – poesias, escrita, leitura – da cultura e ao entender essa criança como capaz de se expressar e igualmente produzir cultura, as Técnicas Freinet desvelam a preocupação em educá-la com vistas às máximas possibilidades de desenvolvimento humano. Dessa forma, a escola passa a ser compreendida como o local privilegiado para alcançar tal intuito, e o papel do(a) professor(a) passa a ser tomado como insubstituível nesse processo.

Desse modo, o trabalho com as técnicas Freinet, que compreende a organização intencional dos espaços e dos materiais nos cantos de trabalho e nas aulas passeios, assim como no planejamento de atividades – que atendam e ampliem as necessidades e os interesses das crianças e que motivem sua livre expressão e participação ativa nas experiências vivenciadas na escola –, na produção do texto livre, no jornal da turma, no livro da vida, no jornal mural, no fichário escolar cooperativo, na correspondência interescolar dentre outras já citadas abre as possibilidades de um desenvolvimento humano pleno na infância.

“Ao conceber a criança como elemento fundamental nas relações estabelecidas com os objetos materiais – como exemplo, lápis, pincel, computador – e não-materiais – poesias, escrita, leitura – da cultura e ao entender essa criança como capaz de se expressar e igualmente produzir cultura, as Técnicas Freinet desvelam a preocupação em educá-la com vistas às máximas possibilidades de desenvolvimento humano.”



artigo

Referências bibliográficas

FERREIRA, G. de M. (Org.). **Palavra de Professor(a)**: tateios e reflexões na prática da Pedagogia Freinet. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

FREINET, C. **As Técnicas Freinet da Escola Moderna**. São Paulo: Editorial Estampa, 1973.

FREINET, E. **Nascimento de uma Pedagogia Popular**: os métodos Freinet. Tradução: Rosália Cruz. Lisboa: Editorial Estampa Ltda, 1978.

LEONTIEV, A. Uma Contribuição à Teoria do Desenvolvimento da Psique Infantil. In: VIGOTSKII, L. S. e outros. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. São Paulo: Ícone/EDUSP, 1988. p. 59-84.

LIMA, E. A. de. **Infância e teoria histórico-cultural**: (des)encontros da teoria e da prática. 2005, Tese (Doutorado em Ensino na Educação Brasileira). Faculdade de Filosofia e Ciências, Unesp, Marília, 2005.

RIBEIRO, A. E. M. **As relações na escola da infância sob o olhar do enfoque histórico-cultural**. 2009, Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Brasileira). Faculdade de Filosofia e Ciências, Unesp, Marília, 2009.

RIBEIRO, A. L. **Teoria Histórico-Cultural e Pedagogia Freinet**: considerações sobre a mediação entre teoria e prática no processo de aquisição da escrita. 2004. Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Brasileira). Faculdade de Filosofia e Ciências, Unesp, Marília, 2004.



ELIEUZA APARECIDA DE LIMA

Professora Assistente Doutora junto ao Departamento de Didática da Faculdade de Filosofia e Ciências, Unesp, Marília, SP. É membro dos Grupos de Pesquisa "Implicações Pedagógicas da Teoria Histórico-Cultural", "GP - FORME, Formação do Educador", ambos da Unesp de Marília, e "Grupo de Pesquisa e Estudos em Educação Infantil" da UEM, Maringá, PR. Atualmente desenvolve pesquisas e ações de extensão com foco nas Especificidades da Docência na Educação Infantil.



ALINE ESCOBAR MAGALHÃES RIBEIRO

Mestre em Educação, aluna especial do Programa de pós-graduação da UNESP- campus de Marília, professora do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino de Marília.



ANA LAURA RIBEIRO DA SILVA

Professora da Rede Municipal de Ensino de Cubatão/SP e da Faculdade de Bertioga, Bertioga/SP. Atualmente desenvolve pesquisas sobre as Técnicas de Ensino Freinet e a aquisição da linguagem escrita.

artigo



Indisciplina na Escola: antigas e novas questões

Há registros históricos que apontam a indisciplina como algo tão antigo quanto a própria escola. No antigo Egito, onde a escola foi inventada há cerca de 5 mil anos, os educadores usavam duras punições para manter os alunos acomodados por longos períodos de tempo. Já naquela época era um desafio manter a atenção e o interesse das crianças em atividades rotineiras e mecânicas de aprendizagem baseadas em memorização.

Muito tempo depois, já no século 17, Jan Amos Comenius, autor de uma das mais importantes obras sobre educação, a "Didática Magna", evidencia a existência de problemas de indisciplina nas escolas da sua época. De um modo muito lúcido, ele escreve sobre a dificuldade dos professores para obter e manter a disciplina nas escolas, analisando o equívoco dos métodos violentos e o esvaziamento do desejo de aprender entre os alunos, resultante das formas duras de disciplinamento.

E o que aprendemos sobre disciplina e indisciplina após diversos séculos de existência da escola? Talvez a aprendizagem mais importante resida na necessidade de coerência entre educação e disciplina. Na antiguidade, a ideia de educação estava associada a conceitos e práticas que atribuíam todo tipo de



“E o que aprendemos sobre disciplina e indisciplina após diversos séculos de existência da escola? Talvez a aprendizagem mais importante resida na necessidade de coerência entre educação e disciplina.”



artigo

poder aos professores, enquanto os alunos eram tidos quase como objetos a serem moldados à força, através de processos de coerção, ameaça e punição, que eram tomados como formas naturais e válidas para se obter os fins desejados pelo tipo de formação oferecida e desejada pelas escolas.

Na atualidade, entretanto, nossos sistemas educacionais são orientados por noções e finalidades tais que tornam incompatíveis a manutenção das antigas formas violentas de disciplinamento. Além disso, hoje temos décadas de investigação teórica e de práticas pedagógicas que apontam diversas fragilidades nos métodos tradicionais, enquanto sugerem novas abordagens para a construção de disciplina nas escolas. Mas

“hoje temos décadas de investigação teórica e de práticas pedagógicas que apontam diversas fragilidades nos métodos tradicionais, enquanto sugerem novas abordagens para a construção de disciplina nas escolas”

temos ainda desafios a superar no campo da construção de disciplina nas escolas.

Ainda hoje há esvaziamento da aprendizagem nas escolas. As razões, em parte, são similares àquelas observadas por Comenius. Mas há outras novas a considerar. A questão central, entretanto, ainda reside nos processos de relação dentro da escola. Durante muitos séculos as dificuldades de convivência entre professores e alunos foram atribuídas fundamentalmente aos alunos, à natureza do seu comportamento e suas origens socioeconômicas. Até o século passado, de uma forma claramente unilateral, os educadores e muitas práticas educacionais se baseavam na ideia que seriam apenas os alunos a variável explicativa para os problemas relacionados à indisciplina nas escolas.

Apenas em décadas recentes, as teorias e práticas educa-

cionais passaram a pensar a disciplina como algo a ser construído pelo coletivo da escola. Essa concepção, embora aparentemente simples, torna possível diversos avanços. Neste caso, disciplina passa a ser pensada também como uma variável relacionada ao ambiente e cultura da escola. Isso mostrou caminhos para superar o senso de impossibilidade instalado anteriormente, que fez excluir um número incalculável de alunos considerados incompatíveis com o ambiente escolar, pois supostamente não traziam consigo o comportamento desejado pelos professores. A noção de que dentro da escola ocorre uma construção de significados culturais, práticas sociais e identidades, também nos revela que o “aluno” constitui uma elaboração e que, portanto, suas atitudes e desenvolvimento estão conectados ao tecido das relações sustentadas na escola. Assim, disciplina e sujeitos disciplinados seriam inseparáveis das relações formativas instaladas dentro da escola, e precisam de um processo de elaboração coletiva para sua existência.

Em escolas que constroem coletivamente um senso de disciplina, com seus critérios, princípios e regras, vamos observar outras formas possíveis de relação pedagógica e de organização democrática da vida coletiva. E novas questões surgem no horizonte. Uma delas reside na necessidade das relações dentro da escola se tornarem efetivamente formativas do ponto de vista social e moral. Surge então o desafio de pensar a educação para além de processos centralizados no poder regulador e no conhecimento dos professores, como algo que engloba estratégias ativas e colaborativas de aprendizagem, atentas à diversidade de interesses e habilidades dos estudantes. Mas, sobretudo, a escola precisa ser um lugar de práticas coerentes com a noção de educação como uma força de transformação social.

Há diversas evidências de que tais escolas estão se multiplicando ao redor do planeta. Em muitos casos, são denominadas de escolas democráticas. Mas há outras formas de denominação, tais como escolas justas. O mundo, hoje, precisa muito dessas escolas, que fornecem um exemplo de novas formas de se fazer educação. Mas elas também atuam como faróis a iluminar um vasto horizonte de outros possíveis caminhos para pensar e organizar a convivência nas escolas, e constituem um exemplo vivo de ousadia pedagógica, capaz de inspirar outras experiências e nutrir a coragem para deixar para trás antigas ideias ainda instaladas em nosso cotidiano.

Há quase 400 anos Jan Amos Comenius escreveu que a



artigo

disciplina praticada nas escolas não tinha a força para inspirar os alunos a aprender. Essa crítica, embora antiga, ainda é muito valiosa. Desde então o mundo mudou muito, assim como as escolas. Mas estas ainda vivem diariamente o desafio de tornar cada aula uma oportunidade de aprender a pensar e transformar o mundo. Mas, quando há uma disposição e responsabilidade coletivas pela construção do ambiente de aprendizagem na escola, o desafio de conviver e de tornar possível a aprendizagem em sala de aula passa a ser compartilhado por alunos e professores, através de uma nova dimensão instalada na relação pedagógica; a parceria, que constitui uma nova ideia de disciplina a ser explorada em nosso século.



Joe Garcia
Doutor em Educação pela PUCSP.
Professor Adjunto do Programa de Pós-Graduação
em Educação da Universidade Tuiuti do Paraná.

experiência



Dislexia em crianças na fase de alfabetização



A dislexia do desenvolvimento é chamada de transtorno específico de aprendizado, entendida como a causa principal do rendimento escolar baixo, caracterizado pelo baixo desempenho na escrita e na leitura, mesmo se contrapondo ao potencial intelectual adequado da criança para aquela faixa de idade. Importante ressaltar a diferença conceitual entre distúrbio e dificuldade, esta que possui um sentido mais global, referindo-se aos conteúdos, ao professor e suas metodologias de ensino, ambiente pedagógico, uma vez que os distúrbios se referem a questões específicas e que são caracterizadas pela presença de disfunção neurológica, que desta forma são as responsáveis pelo insucesso apresentado na escrita, na leitura e também no cálculo matemático. Na dislexia de desenvolvimento existem alterações neurológicas, que são originadas no período do desenvolvimento cerebral embrionário, que acabam por comprometer o processamento de sons (ZORZI e CAPPELLINI, 2009).

“O distúrbio de aprendizagem é decorrente de disfunção do Sistema Nervoso Central, relacionado à “falha” no processo de aquisição ou desenvolvimento, tendo, portanto, caráter funcional, diferentemente da dificuldade escolar que está relacionada especificamente a um problema de origem pedagógica.” (Ciasca 2003, p.82 apud ZORZI e CAPPELLINI 2009).



experiência

“nas famílias que apresentavam um membro com dislexia, pelo menos outro membro também apresentava queixa ou dificuldades de aprendizagem.”

A dislexia de desenvolvimento é um distúrbio no processamento de linguagem, reconhecimento da linguagem e da palavra, ficando longe de ser apenas distúrbio visual ou espacial.

“... os disléxicos têm um problema com o reconhecimento de palavras e este problema é devido a um déficit no uso dos códigos fonológicos para reconhecer palavras. Quanto mais lemos, mais precisamos traduzir sequências de letras impressas em pronúncia de palavras. Para fazer isto, precisamos compreender que o alfabeto é um código para fonemas, os sons individuais da fala na linguagem, e precisamos ser capazes de usar estes códigos rápida e automaticamente.” (Pennington, 1997, p.62-63)

Em nossa realidade educacional existe um grande número de crianças apresentando dificuldades de aprendizagem, não conseguindo acompanhar o desenvolvimento de leitura e escrita no ambiente escolar. Muito disso se deve ao fato do sistema de ensino não priorizar a alfabetização levando em conta a base alfabética do sistema de escrita do português, provocando agravamento da situação escolar, porque começam aparecer falhas na identificação e percepção dos mecanismos de conversão letra-som, resultante de um processo pedagógico, tais características circunstancialmente em algum momento podem se assemelhar a características do quadro de dislexia, sem que necessariamente apresente este quadro (ZORZI e CAPELLINI, 2009).

“A dislexia é decorrente de uma herança familiar e hereditária. A história da família é um dos mais importantes fatores na identificação da dislexia, pois entre 23 a 65% das crianças com pais disléxicos apresentam dificuldades em leitura, evidenciando que a identificação pode ser realizada precocemente.” (ZORZI e CAPELLINI, 2009, p.18)

Estudos realizados por Cappellini no Brasil revelaram que nas famílias que apresentavam um membro com dislexia, pelo menos outro membro também apresentava queixa ou dificuldades de aprendizagem e que existe uma maior prevalência de dislexia em pessoas do sexo masculino em relação aos familiares do sexo feminino (ZORZI e CAPELLINI, 2009).

Os principais sintomas são: dificuldades para ler e soletrar. Crianças disléxicas não conseguem soletrar nem mesmo palavras simples. Ritmos lentos de leitura e escrita, inversão de letras, trocas, omissões, junções e aglutinações de fonemas, leitura e escrita em espelho, dificuldade de memorização de fatos matemáticos, demora no desenvolvimento oral, copia e escreve inadequadamente, dificuldade de se organizar temporalmente, muita dispersão, fraco desempenho, fala e desenvolvimento da linguagem atrasados, pouca coordenação motora, desinteresse por livros, problemas com lateralidade. A criança disléxica não compreende bem o sentido das rimas nos textos e na oralidade, tem dificuldade em entender a palavra em seu significado, lê sem entender o que leu (MASSI, 2007).

DIAGNÓSTICO E INTERVENÇÃO

O diagnóstico deste transtorno de aprendizagem é um processo árduo, de cunho multidisciplinar, especialmente exigindo do profissional da Fonoaudiologia o conhecimento de questões biológicas, sociais e educacionais, pois muitas vezes o escolar possui uma dificuldade em aprender e não necessariamente o transtorno de aprendizagem específico como é o caso da dislexia. Para o diagnóstico fonoaudiológico é preciso um caráter exploratório, ou seja, oferecer informações detalhadas sobre a natureza das dificuldades, identificando se a origem está na disfunção neuropsicológica, determinada genética e biologicamente, que será então, necessário um estabelecimento de programas de remediação e/ou programas de intervenção. Isso



experiência

demandará do fonoaudiólogo uma atuação conjunta com a escola, pois somente desta forma a qualidade de vida do escolar será preservada no contexto acadêmico (ZORZI e CAPELLINI, 2009).

Alfabetizar vai além de meras associações, para aprender a ler e a escrever são necessárias algumas habilidades cognitivas, afetivas e sensoriais. É necessário ouvir, ver, compreender entre outros. Zorzi destaca alguns pontos importantes, algumas capacidades essenciais. Sendo elas, capacidade de segmentar palavra, partindo destas para o todo, passando pelas sílabas, e chegando ao nível dos fonemas. Capacidade para compreender que as diferentes palavras constituem-se a partir da combinação de fonemas. Para cada fonema existe, no mínimo, uma letra para representá-lo. Isto significa compreender e estabilizar as relações fonemas-grafemas. Entender que para escrever uma palavra é imprescindível analisar sua estrutura sonora, identificando cada um dos fonemas e atribuindo a eles as letras correspondentes. Compreender que para ler deve-se atribuir sons as letras, unir fonemas em sílabas e as sílabas em palavras (ZORZI e CAPELLINI, 2009).

Montessori como sendo uma das precursoras do método multissensorial, defendia a participação ativa da criança durante a aprendizagem este movimento ativo era visto como um dos aspectos mais importantes da alfabetização. A principal técnica do método multissensorial é o soletrar oral simultâneo, em que a criança inicialmente vê a palavra escrita, repete a pronúncia da palavra fornecida pelo adulto e escreve a palavra dizendo o nome de cada letra. Ao final, a criança lê novamente a palavra que escreveu, exercitando a memória fonológica (CAPOVILLA).

“O método fônico tem dois objetivos principais: desenvolver as habilidades metafonológicas e ensinar as correspondências grafofonêmicas. Este método baseia-se na constatação experimental de que as crianças disléxicas têm dificuldade em discriminar, segmentar e manipular, de forma consciente, os sons da fala.”
(Capovilla in: <http://www.abpp.com.br>)

“é necessário encontrar alternativas para promover, mediante a dificuldade apresentada, técnicas, abordagens que sejam capazes de promover o sucesso escolar dessa criança.”

Existem programas que visam à construção de uma consciência fonológica, usando abordagens fonéticas. O tratamento estimulará a capacidade do cérebro de fazer relação entre letra e sons que a representam. O tratamento terá melhor prognóstico quando mais cedo for iniciado. O Método Fonovisuarticulatório, o chamado método das boquinhas, utiliza estratégias fônicas, visuais e articulatórias, sendo alicerçado na Fonoaudiologia e na pedagogia, vem contribuindo grandemente, sendo indicado para alfabetizar quaisquer crianças e também mediar/reabilitar os distúrbios da leitura e escrita (JARDINI, 2010).

Além da intervenção que pode ser feita quando o problema de leitura já se manifestou, estudos têm mostrado que é possível intervir de forma preventiva construindo e consolidando a consciência fonológica em crianças de risco para a dislexia, de forma a diminuir a severidade de problemas futuros na alfabetização (BALL & BLACHMAN, 1991; CUNNINGHAM, 1990 apud CAPOVILLA).

CONCLUSÃO

Com este trabalho foi possível deixar claro que o ser humano é muito mais que um organismo. O escolar na fase de alfabetização é compreendido aqui como sujeito da aprendizagem. Não quero negar, nem excluir causas orgânicas para tais dificuldades de aprendizagem, e sim talvez minimizar essas questões quando as comparo com o insucesso escolar de modo geral. Dizer de uma patologia, usar nomenclaturas de certa forma “tranquiliza” os educadores e até os familiares, porque o foco fica na patologia mencionada e não no sujeito em questão.

Sendo assim, é necessário encontrar alternativas para promover, mediante a dificuldade apresentada, técnicas, aborda-



experiência

gens que sejam capazes de promover o sucesso escolar dessa criança, tomando como ponto de partida a aprendizagem. Aprender é inerente ao ser humano, ou seja, é um fator, uma expectativa comum e natural. Portanto, se isso não acontece todos os envolvidos precisam ser questionados.

A aprendizagem e a alfabetização são um processo de construção que acontece na interação permanente entre sujeito e o meio que o cerca, toda aprendizagem na escola já possui uma pré-história (WEISS, 2002).

Os profissionais da educação considerando esta realidade precisam oferecer atividades linguísticas instigantes, leitura e escrita com recheio de sentido, tornando a apropriação da linguagem algo natural e prazeroso para o escolar.

Atualmente, a escola tem procurado entender as razões do insucesso escolar. Muitas vezes o professor se sente fracassado mediante estas situações de dificuldades ou distúrbios de aprendizagem, sente-se incapaz de ensinar tal aluno. Desta forma, a escola como instituição tem recorrido à Psicopedagogia, à Fonoaudiologia, à Neurologia e outros, para compreender, analisar e intervir nas práticas e relações que estão presentes no interior da escola.

É importante a precisão em diagnosticar, porque a criança disléxica precisa ser acompanhada por profissionais especializados, utilizar recursos didáticos adequados, para que possa desenvolver a leitura e a escrita de modo particular e diferenciado, bem como, todos os procedimentos e técnicas, que evidenciarão as potencialidades e as aptidões, indo de encontro às dificuldades específicas do processamento linguístico. O escolar com dislexia não pode ser entendido como tendo distúrbios mentais, mas uma criança que apresenta um distúrbio de linguagem, um modo particular de processar essa mesma linguagem. Torna-se urgente que atividades fônicas e metafonológicas sejam incorporadas, tanto pelos professores na própria sala de aula, quanto pelos profissionais da área psicoeducacional em suas atuações clínicas e orientações escolares.

Referências bibliográficas

Associação Brasileira de Dislexia. Em www.dislexia.org.br. Acesso em 05/08/2010.

Associação Nacional de Dislexia. Em <http://www.profala.com/ardislexia13.htm>. Acesso em 05/02/2010.

Associação Brasileira de Psicopedagogia. Em www.abpp.com.br. Acesso em janeiro de 2011.

CAPOVILLA, Alessandra Gotuzo Seabra. **Dislexia do Desenvolvimento**: definição, intervenção e prevenção. Em www.abpp.com.br. Acesso em janeiro de 2011.

JARDINI, Renata Savastano R. **Alfabetização e Reabilitação pelo Método das Boquinhos**: Fundamentação Teórica. Colaboração de Patrícia Timóteo de Souza Gomes – 2ª Edição –Bauru, SP: R. Jardim, 2010.

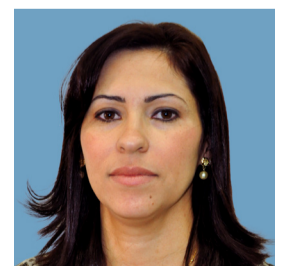
MASSI, Giselle. **A Dislexia em questão**. São Paulo: Plexus Editora, 2007.

PENNINGTON, Bruce F. **Diagnóstico de Distúrbio de Aprendizagem**: um referencial neuropsicológico. São Paulo: Pioneira, 1997.

RUBINSTEIN, Edith. **Em busca dos responsáveis**, in Revista Psique, Ciência & Vida Especial. PSICOPEDAGOGIA para quê? Ano I - Número 2.

WEISS, Maria Lúcia L. **Psicopedagogia Clínica**: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

ZORZI, Jaime Luiz e CAPELLINI, Simone Aparecida / Organizadores. **Dislexia e Outros Distúrbios da Leitura-Escrita**: Letras Desafiando a Aprendizagem. Segunda edição - São José dos Campos: Pulso, 2009.



GRAZIELLA DINIZ BORGES
Psicóloga, Psicopedagoga e Professora
do Ensino Fundamental I do Colégio Cristo Rei

artigo



Primeira infância

A aprendizagem nos primeiros anos de vida



A primeira infância é a base para todas as aprendizagens humanas. Estudos demonstram que a qualidade de vida de uma criança entre o nascimento e os seis anos de idade pode determinar as contribuições que ela trará à sociedade quando adulta. Se este período incluir suporte para o crescimento cognitivo, desenvolvimento da linguagem, habilidades motoras, adaptativas e aspectos sócio-emocionais, a criança terá uma vida escolar bem-sucedida e relações sociais fortalecidas.

Quando a criança desenha, pinta, constrói, esculpe, faz músicas ou brinca, ela envolve-se ativamente num processo de atribuição de sentido, de forma única, individual. Quando as crianças brincam, elas resolvem problemas, fazem descobertas, expressam-se de várias formas, utilizam informações e conhecimentos em um contexto significativo.

O aprendizado é intrínseco ao desenvolvimento desde o primeiro dia de vida da criança. Podemos perceber a partir da imitação (uma variedade de ações) que a criança faz do adulto, como um processo complexo, na medida, que demanda uma alteração radical de toda a doutrina que trata da relação entre o aprendizado e o desenvolvimento em crianças (VYGOTSKY, 1989).

A escola, por ser o primeiro agente socializador fora do círculo familiar da criança, torna-se a base da aprendizagem oferecendo todas as condições necessárias para que ela se sinta segura e protegida. Assim, para que a criança tenha um desenvolvimento saudável e adequado dentro do ambiente es-



artigo

colar, e conseqüentemente no social, é necessário que haja um estabelecimento de relações interpessoais positivas, como aceitação e apoio, possibilitando assim o sucesso dos objetivos educativos.

Brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. Nas brincadeiras as crianças podem ampliar capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação. Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação e da utilização e experimentação de regras e papéis sociais. O fato da criança, desde muito cedo poder se comunicar por meio de sinais, sons e mais tarde representar determinado papel na brincadeira faz com que ela desenvolva sua imaginação.

“os jogos e brincadeiras devem ocupar um lugar especial no dia a dia das crianças desde muito pequenas”

Além do desenvolvimento das capacidades motoras, a brincadeira e os jogos reforçam os laços afetivos, sejam com amigos, educadoras, irmãos, pais, avós. É importante a participação do adulto nas brincadeiras das crianças, além de muito prazeroso, tanto para ela quanto para o adulto, a criança se sente muito mais desafiada quando está com um adulto e isso acaba elevando o nível de interesse na brincadeira. Isto, por sua vez, leva a criança a fazer descobertas e viver experiências diferentes, que tornam o brincar muito mais empolgante e rico em aprendizado. Por todos esses motivos, os jogos e brincadeiras devem ocupar um lugar especial no dia a dia das crianças desde muito pequenas, tanto em casa com a família, mas principalmente nas Instituições de educação infantil, para que o desenvolvimento psicomotor aconteça de forma agra-

dável e natural. Jogos e brincadeiras, além de desenvolver os aspectos físicos, intelectuais e afetivos, também promovem a saúde e compreensão do esquema corporal. A criança quando está em contato com o jogo aprende a respeitar regras, esperar sua vez, superar limites e aceitar os resultados finais, sendo assim, o jogar e o brincar, não são apenas um modo de passar o tempo, mas sim um momento sério, de concentração, pois está aprendendo o que ninguém pode lhe ensinar, brincando de descobrir o mundo e está a todo o momento elaborando hipóteses e realizando seus sonhos.

Tendo por base estudos de Freinet, a realidade em que o aluno está inserido é de suma importância e deve ser discutido em contexto com os conteúdos curriculares, outro fator importante de acordo com o autor, é que deve-se oportunizar ao aluno estar sempre construindo seu conhecimento a partir do processo de experimentação, cuidando para que ele nunca esteja sozinho nesse processo, a presença do professor como mediador, bem como a companhia dos colegas da turma é relevante para seu aprendizado, visto que a interação promove uma construção do saber mais prazerosa e consistente sem perder a rigorosidade necessária.

Referências bibliográficas

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1989.



LIANE RODRIGUES REIS
Professora da Educação Infantil no Colégio Cristo Rei

opinião



Juventude e Participação

JUNHO DE 2013, tempo de pressão e explosões



o transporte e mais especificamente com o aumento das passagens de ônibus: as pessoas têm o direito e a necessidade de locomover-se, mas os donos estão cobrando demais, lucrando demais em cima das necessidades do povo e, de modo especial, do estudante que deve se locomover em busca de sua profissão, de sua sabedoria, da sua convivência com os/as outros/as nos espaços da escola, do trabalho, do lazer..., direito de todos.

Os noticiários do Brasil e do mundo tiveram como manchete essas manifestações. Como entender o que está acontecendo? São

Já se passaram 45 anos de um tempo de manifestações juvenis que explodiram por várias partes do mundo, inclusive no Brasil, a partir dos estudantes universitários da França. Era o famoso maio de 1968. Um tempo memorável, misterioso, difícil de entender. Ainda sem entender muito bem essas revoltas, vivemos, em junho de 2013, um movimento semelhante ao maio de 68 e também não estamos entendendo muito bem o que está acontecendo. Sabemos que o sujeito principal, o protagonista desses movimentos e manifestações que tomaram as cidades do Brasil, de norte a sul, das capitais ao interior, é a JUVENTUDE, ou são as juventudes. Essa juventude! A razão mais concreta que motivou essas manifestações tem a ver com

movimentações bonitas, pacíficas, cheias de insatisfações, que certa parte do sistema só sabe definir como depredação e violência? A gente parece que não se deu conta que a pressão está explodindo... É manifestação para todo lado, grandes explosões em todos os cantos. Quem deixou essa pressão explodir? De quem é a culpa?

Não sejamos cegos ou ingênuos dizendo que as multidões, que há tempo ou nunca foram às ruas, não tenham motivações em suas cabeças, bolsas, bocas e cartazes. Se falarem vai ser uma explosão de raivas, de sonhos pisados, de bastas, de indignações ao mesmo tempo claras e indefinidas. E quando a juventude vai às ruas, que não é bem para cantar e dançar ino-



opinião

cências, os escudos, os esguichos de água e os cassetetes se vão ajeitando às claras e às escondidas, comandados por quem só gosta de massa e não de povo. Naquela hora deixam de haver inocentes e culpados. Todos são culpados...

Difícil precisar as razões destas multidões nas ruas, contudo há quatro aspectos que devem ser considerados (dentre outros):

O primeiro aspecto a ser considerado é o de que há muitos meios de fazer com que sejamos manipulados. Parece que estamos na sociedade da Manipulação. O que manda é a aparência: somos o que aparentamos. Para isso existe a moda, o consumo, tantas coisas que os diferentes meios de comunicação fazem para que sejamos como eles dizem que deveríamos ser. Nem vale o sexo; o que vale é o corpo. O outro não existe; a utopia está no meu umbigo. Se conseguimos conquistar tantos direitos, onde está a grandeza da pessoa humana? A utopia não é social, mas corpórea. Até na religião vale a aparência. É só dar uma olhada nos costumes clericais e dos próprios conventos. O que vale é a aparência; os grandes eventos... As Jornadas Mundiais de Juventude não estão fora desse enquadramento da aparência e da manipulação. Manipula-se a própria realidade. Fica sempre mais claro que as técnicas da comunicação nos apresentam uma realidade que não é a realidade. É a sociedade do espetáculo e da visibilidade.

Em vista disso e de outros aspectos fala-se de mudança de paradigmas. Tudo evolui de tal jeito que

não se sabe mais o que é Estado, o que é Família, o que é Escola, o que é Igreja, o que é Coletividade, o que é Solidariedade... E a pressão faz explodir. Nunca tivemos uma juventude tão manipulada como hoje. Demora ela dar-se conta, mas quando acorda vemos as manifestações para todos os lados.



começo dos enganos e dos abusos do dinheiro público. Quando se começa a levantar o tapete de tudo que é roubalheira em todos os sentidos, proíbe-se o Ministério Público de investigar. A corrupção é econômica, é política, é moral, é religiosa; a corrupção parece correr nas veias da sociedade. Mesmo que já soubéssemos, como foi ruim virem à tona as corrupções de um lugar sagrado como é o Vaticano! E não nos enganemos, pensando que não haja outros muitos Vaticanos.

No auge da corrupção do poder romano, o que valia para conservar a paz no Império era o "pão" e o "circo". O que significa haver bilhões de reais à disposição

O segundo aspecto é a corrupção. As técnicas de comunicação e controle são tantas e tão sofisticadas que fica sempre mais claro que a corrupção está sendo descoberta como parte da pessoa e da sociedade. Estamos muito além dos "mensalões" que para a elite parecia o

“Nunca tivemos uma juventude tão manipulada como hoje. Demora ela dar-se conta, mas quando acorda vemos as manifestações para todos os lados.”





opinião

para construir “circos” para o povo em tempos de Copa do mundo e Olimpíadas, quando se diz que não há dinheiro para a saúde, a educação, o transporte, o lazer etc? Vendo tudo isso, a pressão aumenta e as explosões se multiplicam. Contemplando esta realidade e pensando em algo específico como a Jornada Mundial da Juventude, não haveria nada em comum? Investimento em marketing; em vez de cuidado, o controle; em vez de processo, o poder manipulador de eventos; movimentos de massa abusando do valor religioso e popular de alguns símbolos, falando de um Bote Fé superficial e festeiro... A pressão



faz explodir.

O terceiro aspecto é a saturação. Estamos num mundo saturado. Não tem mais lugar para o eu; ou melhor, o eu está tão grande que não cabe mais... Tudo é objeto. A encarnação mais descarada disso são os shoppings que, além de saturarem as vistas, os desejos, as bolsas, carregam no seu bojo algo que não se gosta de dizer: a força da exclusão. Tudo vem de cima; tudo vem feito. Tudo bonito, perfeito; tudo a ser feito e a ser consumido. Desde os objetos, até a educação, as decisões, as religiões. Nas religiões, por exemplo, valem os catecismos. Eis aí a solução para as inseguranças! Ao mesmo tempo, a grande fome que está nas ruas é o protagonismo e a autonomia. De jovens e menos jovens; na sociedade e nas igrejas, nos pátios e nas salas de aula; nos encontros religiosos e profanos o que se vai conquistando e o que vai provocando medos e terrores é a autonomia e o protagonismo dentro das igrejas. Parece que o desafio da criatividade desapareceu. Não há lugar para as preciosas pequenas invenções.

Estamos vivendo num mundo impregnado. Vivemos numa sociedade cheia, farta, saciada, ocupada. Não há mais lugar

nem para a poesia ou a confissão de bonitas ignorâncias. Somos informados de tudo. Até parece que sabemos de tudo... Não há ilha que escape. Por outro lado, estamos saturados de enganos, de engodos, de mentiras, de desonestidades, de desconfianças. Confiar em quem? Por ora, é a família que mais inspira confiança, mas os tipos de famílias se misturam e aumentam em belezas e excentricidades. Enfim, a pressão faz explodir...

O quarto aspecto é o desrespeito. As pesquisas mostram que o desrespeito é uma das fontes da violência dos jovens, quando ela surge da juventude. Os jovens não são violentos porque querem, mas porque foram violentados... Um dos motivos sérios da explosão vinda da pressão é o desrespeito que toma muitos aspectos: a construção de hidroelétricas; a questão das reservas de terras para os indígenas; o transporte público; a redução da maioria penal; a PEC em debate; a falta de cuidado com os jovens nos espaços de lazer; o desemprego; a questão das cotas na Universidade e tantas coisas a mais. Quem não se dá conta de que há eventos horripilantes, junto à periferia dos grandes centros (Goiânia, São José os Campos, São Paulo, Marília, aqui e acolá) que provam que há mistérios que pensam e fazem como que os pobres não deveriam existir? Veja-se a forma como se olha para a mulher; o significado das marchas das “vadias”, enfim o desrespeito em muitos aspectos, sem falar





opinião

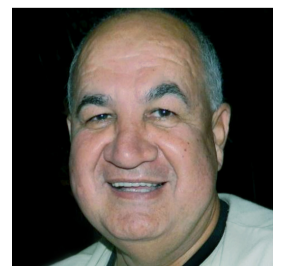
do Direito, da Polícia, das diferenças de ricos e pobres. Assim como não se respeita a criança, não se respeita nem o jovem, nem o idoso... Seria preciso falar do Extermínio de Jovens? Das injustiças entre brancos e negros? De centros e periferias? De lucros exorbitantes? O desrespeito dói e ajuda a explosão de manifestações. Afinal, é muita pressão.

Por fim, de novo, não sejamos ingênuos, a ponto de pensar que essas manifestações apareceram de uma hora para outra; e nem pensar que são só movimentos espontâneos que vão surgindo aqui e acolá. É verdade que as redes sociais estão tendo um papel fundamental na mobilização de muitos que saíram de casa e frequentaram as ruas e praças; porém, há muita organização e articulação dos mais diferentes grupos, tendências e ideologias, que não aparecem na mídia, e que estão fazendo o trabalho lento e eficiente de desconstrução de muitas teorias que circulam por aí, e de construção processual de novos caminhos para a sociedade brasileira. Aliás, a pressão sempre existiu, porque sempre existiu resistência. A novidade é que, junho de 2013 se transformou numa grande explosão. Afinal, não dava mais para segurar.

De novo, é preciso reforçar que, noventa por cento ou mais, dessas manifestações nas etapas de programação, realização e avaliação têm como atores principais, os/as jovens.

É o que estamos vendo, ouvindo e sentindo. Esses movimentos que marcam junho de 2013 têm como sujeito principal as juventudes, assim como foi em maio de 68. É preciso acompanhar todas essas marchas esperando que signifiquem, mais à frente, organização e articulação dos movimentos populares e, principalmente, dos movimentos de juventudes por dias melhores...

“a pressão sempre existiu, porque sempre existiu resistência. A novidade é que, junho de 2013 se transformou numa grande explosão. Afinal, não dava mais para segurar.”



JOSÉ AUGUSTO BRASIL
Coordenador do Projeto
Juventude Cristo Rei e Assessor do
Instituto dos Irmãos do Sagrado Coração

opinião



“A redação Miojo”

O texto no Exame Nacional do Ensino Médio



Muitos dos meus alunos têm se mostrado decepcionados no que diz respeito a correção da Redação do ENEM por conta de todos os acontecimentos relatados pela mídia nos últimos meses. Redações com receitas de macarrão instantâneo ou letras de hino de times de futebol descontextualizadas, foram corrigidas e receberam notas relativamente altas. O grande problema é que fatos como esses colaboram para que um exame tão importante perca sua credibilidade e desencoraje o candidato em sua produção textual.

Costumo dizer aos alunos uma grande máxima que minha mãe utilizava quando eu era criança: “Você não é todo mundo”. E o fato é que ela sempre esteve certa, pois o importante é fazermos bem a nossa parte mesmo quando “todo mundo” não a faz.

A redação do ENEM é importantíssima para a nota geral da prova. Ela equivale a 50% da nota, sendo assim, por si só, ela instiga o aluno a dar seu melhor e produzir um bom texto, não importando se “todo mundo” fará um texto ruim. Um texto bem elaborado dificilmente perderá o seu valor e terá sua nota garantida.

Se o sistema de correção é justo ou injusto é uma temática complicada de ser analisada, dada a tamanha proporção de uma prova como o ENEM. O importante nesse caso é doar-se ao máximo e garantir um texto com tudo aquilo que foi pedido no Manual do Candidato: um texto coerente com a temática abordada, idéias coesas e bem costuradas, além de um bom nível de linguagem e uma proposta de intervenção social plausível e inteligente.

O importante nessa época de preparação para o ENEM não é gastar tempo criticando o sistema de correção, pois esse é o caminho estabelecido e ponto (não que

não possamos discutir e propor novos caminhos). Portanto, o que deve ser feito é preparar-se adequadamente com boas leituras, bons filmes, bons debates e ao invés de reclamar do miojo alheio, o importante é cuidar para que seu texto não se transforme num miojo real que fica pronto em 3 minutos, não tem gosto de nada e não alimenta ninguém.



PROF. BRUNÃO AUGUSTO C. DA SILVA
Professor de Redação da 3ª série do Ensino Médio e Cursinho do Colégio Cristo Rei

resenhas

e sugestões



Bang Bang! Você morreu

O filme *Bang Bang você morreu*, dirigido por Guy Ferland, baseado na peça teatral de mesmo nome, estreou em 2002 e teve grande repercussão em diversos países por abordar uma tragédia ocorrida em uma escola norte-americana no ano de 1999.

Esta trama tem como personagem central Trevor, vítima de bullying, que acaba desenvolvendo um comportamento agressivo. Cansado de ser hostilizado, este aluno ameaça explodir o prédio escolar com uma bomba de mentira e passa a sofrer ainda mais com a desconfiança de todos: seus pais, professores, alunos e pais dos alunos.

Como Sr. Duncan, professor de teatro, é o único que enxerga o sofrimento deste aluno, resolve ajudá-lo, convidando-o para ser protagonista e contracenar ao lado da garota Jenny numa peça com o título "Bang Bang Você Morreu". O enredo traz, em sua narrativa, situações de conflito parecidas com as que o rapaz presenciara, e isso faz com que ele repense suas atitudes e reflita se, realmente, vale a pena agir motivado pela vingança. Entretanto, a peça não é compreendida pelos professores, pais dos alunos e direção da escola. Acaba sendo censurada, obrigando os atores a ensaiar de forma clandestina.

Neste filme, é possível identificar diversos tipos de bullying presentes no ambiente escolar, como agressão física na cena em que alunos são jogados nas lixeiras; exclusão, quando uma menina é impedida de permanecer nas mesas do refeitório e agressão psicológica nas cenas em que um garoto é obrigado a cantar jingle bells.

Na trama, além dos protestos dos pais para impedir os ensaios da peça no colégio, várias situações apresentam as dificuldades de Trevor no dia a dia, como a tentativa de suicídio, o distanciamento dele com os pais e a aproximação dele com jovens rebeldes, que também se encontram cansados de serem molestados e desrespeitados na escola e em casa. Por fim, Trevor acaba se unindo a esses rebeldes e, juntos, planejam um atentado de grandes proporções.

Apesar de ser exibido há mais de uma década, este filme retrata o que ainda ocorre nas escolas e na sociedade atual. Tragédias desse tipo, noticiadas pela mídia, como Columbine,



em 1999; Rio de Janeiro, em 2011; e Connecticut em 2012; confirmam que o tema bullying causa preocupação; por isso ele tem sido discutido em quase todos os segmentos da sociedade.

Esta trama é, portanto, indicada para professores, pais e alunos por ser uma ótima oportunidade de abordar o tema e refletir sobre ele. Para quem foi vítima de bullying em alguma etapa da vida ou foi espectador de qualquer situação desse tipo de violência e intolerância, é impossível não se identificar com a história de Trevor.

Entretanto, vendo a dificuldade do professor de ensaiar a peça e tentar manter o garoto matriculado no colégio, percebemos que a escola, muitas vezes, em vez de ser um local para fomento da crítica e reavaliação da comunidade envolvida, passa a ser mais um endosso para o preconceito e desvalorização do outro. Isso pode ser observado em algumas cenas, quando o professor conversa com Trevor e lhe diz: "Resolva quem você é antes que o façam por você" ou quando ele defende o garoto



resenhas e sugestões

BANG BANG! VOCÊ MORREU

TOM CAVANAGH BEN FOSTER RANDY HARRISON JANEL MOLONEY

BANG BANG! VOCÊ MORREU

ELE DECIDIU ENFRENTAR QUEM O ATORMENTAVA.

PARAMOUNT PICTURES e VIACOM PRODUCTIONS Apresentam
Uma Produção JERSEY GUYS
TOM CAVANAGH BEN FOSTER RANDY HARRISON
e JANEL MOLONEY
"BANG BANG YOU'RE DEAD"
Produção Executiva NORMAN STEPHENS
Produtor Executivo WILLIAM MASTROSIMONE
Roteiro WILLIAM MASTROSIMONE
Direção GUY FERLAND

© 2001 VIACOM PRODUCTIONS INC. TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.

IDIOMAS	Inglês, Português
LEGENDAS	Inglês, Português, Espanhol
16 ANOS	93 Min. Aprox. TELA CHEIA COLORIDO

SUSPENSE

PRODUCIDO NO PAÍS INDUSTRIAL DE HAWAII E DISTRIBUÍDO POR VIACOM S.A.

em um diálogo com a diretora: "Não é o que eles trazem na mochila que os torna perigosos, mas o que eles têm no coração".

Em síntese, é um ótimo filme, pois faz as pessoas enxergarem que brincadeiras ou apelidos, aparentemente inofensivos, podem machucar e mudar a vida de alguém. Assim como Trevor, só quem sofre a discriminação sabe como isso prejudica e dói.

Embora não seja comum, no Brasil, jovens deprimidos e descontrolados invadirem nossas salas de aulas atirando para todos os lados, não precisamos esperar que isto ocorra para começarmos a nos preocupar com o bullying, não é mesmo? Quanto antes tratarmos o assunto, muito antes colheremos os frutos do nosso bom trabalho. Em suma, esta obra, por tratar de um assunto atual que afeta a todos, é crucial para reflexão e percepção de que não é necessário esperar alguma tragédia acontecer para agirmos.

Ficha técnica

Título Original: Bang Bang You're Dead
 Gênero: Suspense/Drama
 Duração: 87 min
 Lançamento: 2002
 País: EUA
 Classificação indicativa: 14 anos
 Direção: Guy Ferland
 Idioma: Inglês



PROFª ELIANA N. DE LIMA PASTANA
 Professora de Redação do Colégio Cristo Rei



resenhas e sugestões

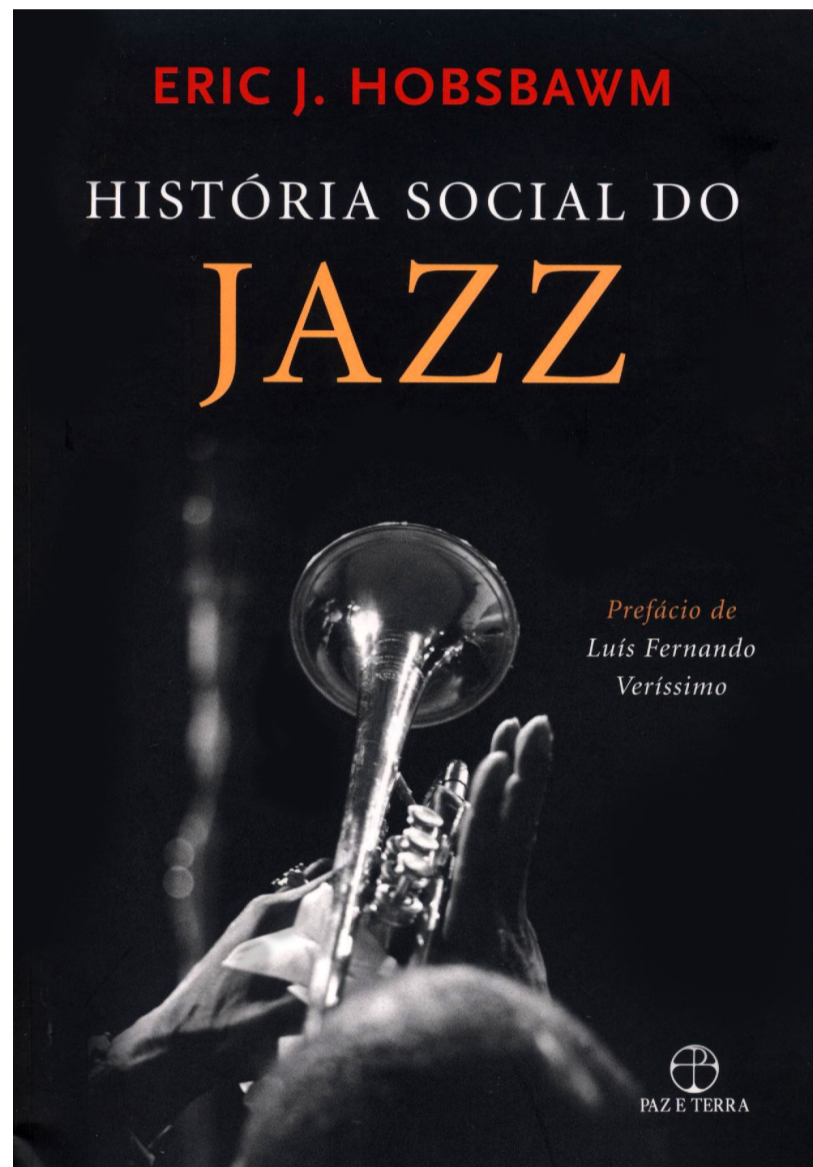
História social do Jazz

Nascido em Alexandria no ano de 1917, segunda maior cidade do Egito, Eric John Ernest Hobsbawm foi um historiador marxista de nacionalidade britânica, reconhecido internacionalmente e considerado um dos maiores historiadores do século XX. Plenamente lúcido e produtivo até os 95 anos, frequentemente lançava novos e conceituados livros, até 2012 ano de seu falecimento.

Apaixonado por Jazz, o autor é certamente o primeiro que estudou o estilo musical tão minuciosamente. Ele dispensa atenção justa à análise histórica cultural e social do Jazz como a criação revolucionária de uma raça oprimida, que nasceu do lamento dos escravos e até hoje é código exclusivo de protesto e insubmissão. A música é vista nesse contexto como elemento de resistência, o que contribui na sua difusão.

Em seu livro "História social do Jazz", também destaca a importância que o racismo teve em muitas circunstâncias históricas e suas conseqüentes tragédias. No entanto, Hobsbawm evidencia outro importante contexto, a industrialização (que se apropria desse conceito próprio de música com único objetivo voltado ao lucro), como o próprio autor define: "brancos usurpadores" que aproveitaram da popularização do ritmo (para lucrar muito e, que o negro discriminado nunca pôde lucrar), salvo raras exceções.

Essa análise histórica e social do Jazz permanece bastante relevante, independente da sua popularidade atual, trata-se de um ritmo com influência marcante em toda a música ocidental, popular e/ou erudita.



Ficha Técnica

Título: História Social do Jazz
Autor: Eric J. Hobsbawm
Prefácio: Luis Fernando Verissimo
Editora: Paz e Terra
Edição: 5
Ano: 2008
Idioma: Português
Especificações: Brochura/378 páginas



resenhas e sugestões

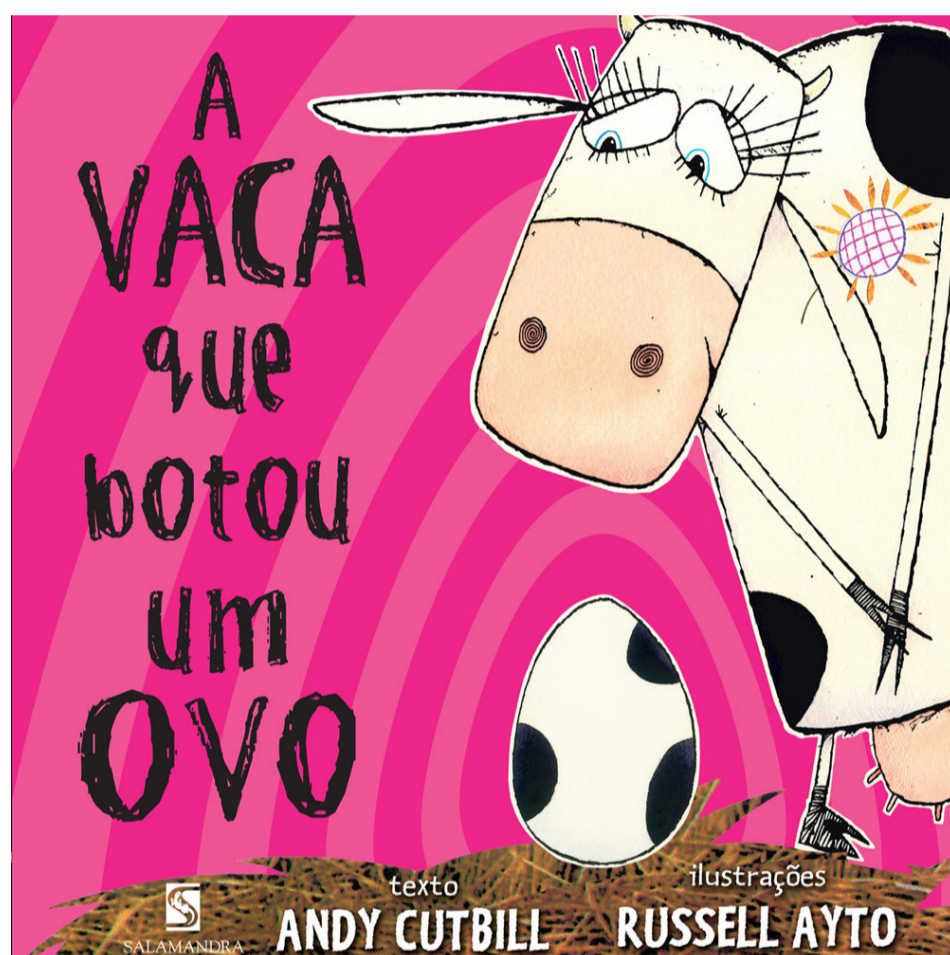
A vaca que botou um ovo

Andy Cutbill, nasceu na Inglaterra no ano de 1972, formado em Arte, trabalha para a TV, onde criou uma série premiada para crianças. Depois de anos na televisão, Andy, começou a se dedicar a literatura infantil. O autor tem fascínio por bichos de grande porte, daí surgiu a inspiração para seu livro "A vaca que botou um ovo", sucesso instantâneo, traduzido para diversas línguas.

O livro retrata o dia a dia dos animais de uma fazenda, tendo como protagonista a vaca Mimosa, que se encontra deprimida por ser a única de sua espécie que não possui nenhum talento, no entanto, a vaquinha não reconhecia sua maior aptidão: a grandeza de sua alma, sua generosidade e seu altruísmo, todas essas qualidades natas fizeram de Mimosa a vaquinha mais querida, principalmente para suas amigas as "Galinhas". Essas, por sua vez, percebem a melancolia de Mimi (apelido carinhoso de Mimosa), e passam a interrogar a amiga que, muito sensível acaba revelando o motivo de sua baixa auto-estima.

Muito sensibilizadas com a querida vaquinha, as "Galinhas" se reúnem para encontrarem um meio de ajudá-la, para tal, combinam colocar um ovo para ela chocar como se Mimi o tivesse posto. Ao acordar Mimosa descobre uma surpresa extraordinária e a satisfação é imensa e imediata.

A partir desse momento, o autor relata de maneira comovedora uma linda história de adoção. A vaquinha assume o ovo com amor incondicional e dedicação que só as mães o fazem. O fato é noticiado em todas as mídias tornando-se um fenômeno mas, Mimosa, que acaba sendo alvo de inveja das outras companheiras da mesma espécie, acaba descobrindo todo o plano de suas amigas as "Galinhas". O desconsolo de Mimi foi imensurável, quando de repente, o seu querido ovo, amado, chocado e aguardado com tanto amor se trinca e para a surpresa da vaquinha o que sai de dentro é somente um "Pintinho". O "Pintinho" assustado com todo o alvoroço olha em volta a procura de sua mãe, quando de repente, para surpresa e espanto de todos, inclusive de Mimi, o "Pintinho" a reconhece imediatamente como mãe e em alto e bom tom se comunica pela primeira vez. Como? Com um pio naturalmente! NÃO! Com um mugido (MUUUUUUUUU...!!!). A comoção é geral, Mimosa acaba de se tornar mãe de um lindo "Pintinho".



Ficha Técnica

Título: A Vaca Que Botou Um Ovo
 Autor: Andy Cutbill
 Ilustração: Russell Ayto
 Editora: Salamandra
 Edição: 1
 Ano: 2010
 Idioma: Português
 Especificações: Brochura | 32 páginas



ANDRÉIA JULIANI
 Bibliotecária do Colégio Cristo Rei
 CRB - 8/8923

redações

de alunos



- 27 Paródia do Poema Traduzir-se de Ferreira Gullar
Rafaela R. Rodrigues / Lucas T. Nogueira - Alunos do 8º ano do Ensino Fundamental
- 28 Texto de revista (Redação UEL 2013)
Renan L. de Araújo - Aluno da 1ª série do Ensino Médio
- 29 Artigo de Opinião (Redação UEM 2013)
Mateus K. N. Sinzato - Aluno da 2ª série do Ensino Médio
- 30 Francisco, o popular
Mariana Romero - Aluna da 3ª série do Ensino Médio
- 31 O Construtor de Pontes
Pedro Henrique Boschetti - Aluno da 3ª série do Ensino Médio



redações de alunos

TRADUZIR-SE

(Paródia de Traduzir-se, Ferreira Gullar)

PROPOSTA DE TEXTO PARA OS OITAVOS ANOS: Com base na definição a seguir, foi proposto aos alunos do 8º ano que redigissem, em dupla, um poema.

PARÓDIA é a recriação de viés crítico, com intenção crítica, cômica ou satírica. Na paródia, o texto fonte não é apenas o ponto de partida. Ele permanece entrevisto no espaço do texto recriado, sem o que se perde o efeito de sentido da paródia.

Um pouco de mim
é tudo.
O resto de mim
é nada.

Uma parte de mim
são as pessoas alegres.
Outra parte é solidão
e tristeza.

Uma parte de mim é tolerância
e elegância.
Outra parte é loucura
e extravagância.

Uma parte de mim só dorme,
a outra, se assusta.

Uma parte de mim é para sempre.
Outra parte some de repente.

Uma parte de mim é pura tontura.
Outra parte é só miragem.

Traduzir-se uma parte na outra parte
é uma prova de viver ou de morrer.

Ou seria sofrer?

Rafaela R. Rodrigues / Lucas T. Nogueira
Alunos do 8º ano do Ensino Fundamental do Colégio Cristo Rei



COMENTÁRIO DA PROFESSORA

O destaque deste texto é a capacidade criativa dos alunos na construção de um poema com versos bem articulados, numa sequência lógica e coerente, cujo tema seja a interpretação de si mesmo. É interessante considerar, também, a capacidade destes alunos ao abordar este assunto - considerado tão difícil para alguns - de forma simples, com rimas e ritmo cadenciado.



PROFª. ELIANA N. DE LIMA PASTANA
Professora de Língua Portuguesa/Redação -
8º ano, 1ª e 2ª séries do Ensino Médio



redações de alunos

PROPOSTA DE TEXTO REDAÇÃO - UEL 2013

Após leitura do texto a seguir o aluno deveria completar o terceiro parágrafo de forma a concluir, entre 8 e 10 linhas, o que foi exposto. A intervenção deveria articular as ideias colocadas no texto.

Recente pesquisa comandada pelo professor Christian Pfeifer, da Universidade de Lüneburg (Alemanha), envolveu três mil pessoas e revelou aspectos surpreendentes do mundo dos negócios. Constatou, por exemplo, que beleza física é importante e significará muitos pontos na entrevista de emprego. E ainda, ao contrário do que muitos pensam, a aparência física conta também para os funcionários homens e não apenas para as mulheres. O estudo, publicado na revista Applied Economics Letters, deixa claro que a primeira impressão é a mais importante.

A especialista em treinamentos de imagem e estilo, Vanessa Versiani, com mais de vinte anos de experiência em imagem e moda, concorda apenas em parte com os resultados da pesquisa de Pfeifer. "Acredito que também no Brasil a beleza seja tão importante quanto a inteligência, quando se trata de sucesso profissional.

Neste caso, considero como beleza o cuidado com a própria imagem, que é fundamental para expressar sua competência, seu comprometimento".

(Adaptado de: MENDES, T. O peso da beleza. Revista Brasileira de Administração. Brasília, n.88, p.64, maio/jun. 2012.)

Ao contrário do que diz a velha máxima que beleza e competência não podem conviver... acreditamos que aparência e capacitação podem, sim, andar juntas. Não adianta contratar uma pessoa com boa aparência e incompetente, assim como não adianta contratar uma pessoa competente para trabalhar na área de venda (carros, cosméticos ou roupas) que não tenha uma boa aparência. Beleza e aparência, portanto, devem estar juntas. O que não precisa é ter aparência de modelo ou ter competência para argumentar como um juiz de Direito. Com bom senso e equilíbrio, estes dois requisitos profissionais devem caminhar juntos e em harmonia.

Renan L. de Araújo
Aluno da 1ª série do Ensino Médio do Colégio Cristo Rei



COMENTÁRIO DA PROFESSORA

O destaque desta redação, como se pode observar, é que o autor não se limitou a dar continuidade, alinhavando ideias, mas a organizá-las de modo a produzirem um efeito de sentido. Esta redação chama a atenção pela contribuição pessoal, simplicidade e clareza. O nível de linguagem é padrão, com boa coesão entre os parágrafos, o que garante coerência e progressividade ao texto. É um texto espontâneo e enxuto, dentro do que é possível fazer em um exame vestibular que impõe pouco tempo para escrever.



PROF.ª. ELIANA N. DE LIMA PASTANA
Professora de Língua Portuguesa/Redação -
8º ano, 1ª e 2ª séries do Ensino Médio



redações de alunos

PROPOSTA DE TEXTO REDAÇÃO - UEM 2013

GÊNERO TEXTUAL - ARTIGO DE
OPINIÃO

Na sua opinião, a influência dos pais pode ser positiva ou negativa na escolha profissional dos filhos? O aluno deveria responder a essa questão polêmica, produzindo um ARTIGO DE OPINIÃO, com no mínimo 10 e no máximo 15 linhas. Para orientar a produção, deveria ser considerado que o texto seria publicado em um jornal de circulação local, cujos leitores podem ter uma opinião diversa da sua, ou podem não ter ainda uma opinião formada sobre a questão em pauta.

A influência dos pais na escolha profissional dos filhos nem sempre é saudável. Por um lado, os pais podem, inconscientemente, "propor" ao filho uma área específica de profissão a fim de resgatar seus próprios sonhos, na tentativa de realizar algo que não foi possível até então, seguindo o clássico exemplo de realizar seus anseios através dos filhos. Por outro, esta orientação pode ser de forma indireta, levando o jovem a faculdades para conhecer cursos e profissionais especializados, como também levando-o a fazer um teste vocacional. Em síntese, para que os pais possam orientar seus filhos na busca de uma carreira sem riscos de exageros, é preciso que este momento seja de diálogo espontâneo, aberto, sem cobranças ou imposições, para que o filho possa, de forma autônoma, optar por fazer determinado curso de acordo com sua vontade e aptidão.

Mateus K. N. Sinzato
Aluno da 2ª série do Ensino Médio do Colégio Cristo Rei



COMENTÁRIO DA PROFESSORA

Trata-se de uma redação equilibrada, objetiva, clara, composta com simplicidade e boa estrutura dissertativa. A contribuição pessoal, a informatividade e a visão crítica confirmam a consistência no desenvolvimento dos argumentos para defender a tese (ideia principal); característica importante e muito bem-vinda em um exame de vestibular.



PROFª. ELIANA N. DE LIMA PASTANA
Professora de Língua Portuguesa/Redação -
8º ano, 1ª e 2ª séries do Ensino Médio



redações de alunos

Francisco, o popular

A Igreja Católica começou o ano de 2013 com um choque que abalou desde seus princípios tradicionais e metódicos, até sua imagem conservacionista perante seus seguidores. Com a renúncia do papa Bento XVI, os cardeais elegeram o cardeal argentino Jorge Mário Bergoglio para representar a voz cristã no mundo. O choque está na grande diferença entre os pontífices. O atual é mais “moderno” que seu antecessor e não se porta como a tradição narra. O novo papa veio para “adaptar” o arcadismo cristão aos moldes do novo mundo e angariar mais fiéis para uma instituição que tem perdido seu rebanho.

As mudanças já começam com a escolha de seu nome: Francisco, que remete a um santo humilde que se dedicou aos pobres e necessitados. Muito semelhante a um personagem que representou o povo e a massa brasileira, o ex-presidente Lula, o novo papa faz juz a essa escolha já que quebrou os vínculos com as tradições que a Igreja sempre ostentou: Francisco se negou a utilizar os trajes (inclusive o crucifixo de ouro) e apresentou-se aos fiéis com uma saudação não pronunciada em latim e com preces populares como a “Ave-Maria”. Desta vez, o líder religioso é um líder de massa, um líder destinado a conquistar as camadas populares sem deixar de cumprir a missão de todo papa: promover a fé católica.

Como nunca feito antes, a Igreja ainda elegeu um pontífice latino-americano. O Sul das Américas que sempre foi visto como subdesenvolvido e inferior diante das hegemonias européia e norte-americana, agora ganha destaque e importância por ter elevado uma figura local a âmbito mundial. A eleição chama e atrai a um continente que nunca recebeu a atenção merecida.

Com essas mudanças, os fiéis cristãos apenas esperam que o novo papa se volte à questões mais humanas e à melhor adaptação do cristianismo ao mundo moderno, e que, com sua simplicidade e carisma, angarie mais fiéis para a Igreja Católica, pois sem dúvida essa foi a principal intenção de sua eleição.

Mariana Romero

Aluna da 3ª série do Ensino Médio do Colégio Cristo Rei



COMENTÁRIO DO PROFESSOR

A escritora defende sua tese com argumentos bem construídos utilizando a estratégia da comparação e da apresentação de exemplos. Além disso, justifica o título ao apresentar fatos veiculados pela mídia que apresentam o atual Pontífice como simples e popular.

A apresentação de informações sobre o fato do papa ser latino-americano ficou um pouco desconexa do resto do texto, uma vez que nada foi apresentado na introdução. Isso mostra a importância de deixar claro logo na introdução alguns elementos importantes que o leitor encontrará no decorrer do texto.



PROF. BRUNO AUGUSTO CORDEIRO DA SILVA
Professor de Redação da 3ª série do Ensino
Médio e Cursinho do Colégio Cristo Rei



redações de alunos

O Construtor de Pontes

Desde os tempos de Mussolini e do Tratado de Latrão a Igreja, e consequentemente o papa, é uma instituição largamente irrelevante no que diz respeito ao seu poder de diretamente modificar os rumos da política internacional. Contudo, seu prestígio oriundo de uma tradição milenar e suas vastas reservas monetárias ainda lhe conferem uma voz extremamente relevante no plano global.

O Vigário de Cristo é, portanto, muito mais que um líder religioso e cerimonial. Ele é uma figura pública com poderes políticos reais que poderiam ser usados não somente em prol dos católicos ou cristãos, mas de toda a humanidade. O herdeiro do trono de Pedro poderia em diversas situações agir como negociador, conciliador e promotor da paz e do bem-estar.

Os mais de 1,2 bilhão de católicos espalhados pelo mundo são a maior ferramenta do papa para tanto. Eles lhe permitem indiretamente pressionar indivíduos, organizações e até Estados nacionais a tomarem decisões que, por exemplo, auxiliem populações carentes em detrimento de benefícios econômicos.

Ademais, o Sume-Pontífice possui à sua disposição toda a estrutura de Igreja e de todos os recursos acumulados e desenvolvidos por ela no decorrer dos últimos dois mil anos, como o Banco do Vaticano, inúmeras embaixadas e influência política. Deste modo o papa, possuidor de inegável poder diplomático, poderia mediar disputas, conciliar conflitos e promover melhores relações entre diferentes comunidades.

O grande objetivo da Igreja Católica é a salvação espiritual da humanidade, porém isso não nega o fato de que ela e o Bispo de Roma possuem enorme força terrena que não é utilizada. Todavia, o recém-eleito papa Francisco é um homem que pode mudar essa realidade, visto que deseja uma Igreja que exista para servir à sociedade. Nesse contexto o papa surge como um construtor de pontes terrenas, alguém próximo dos homens que trabalha para uni-los e ajudá-los, não somente um guia distante.

Pedro Henrique Boschetti

Aluno da 3ª série do Ensino Médio do Colégio Cristo Rei



COMENTÁRIO DO PROFESSOR

O texto apresenta um conhecimento amplo do redator sobre o tema pedido (O papa e a sociedade), percebido nas informações históricas e nos sinônimos ao referir-se ao Papa. É notável também os comentários sobre o que efetivamente o Bispo de Roma poderia fazer para influenciar a sociedade objetivamente como um "construtor de pontes". Um texto coeso e bem elaborado como esse sempre serve de referência aos alunos.



PROF. BRUNO AUGUSTO CORDEIRO DA SILVA
Professor de Redação da 3ª série do Ensino
Médio e Cursinho do Colégio Cristo Rei

Revista inovar

